

Mandingas, Mistérios, Feitiços e Traquinagens: Saci-Pererê, um Mito Brasileiro em Análise

Fabianna Simão Bellizzi Carneiro¹

Resumo: Como foi a construção da imagem desta figura? O que a representação do Saci-Pererê tem a dizer sobre as mudanças histórico-culturais da sociedade brasileira em relação ao negro? Qual foi o percurso deste ser de uma perna só na Literatura? Virou um personagem exclusivo das histórias de Monteiro Lobato? Mais do que fornecer respostas, este artigo vinculado à pesquisa “O que o monstro mostra: debatendo a alteridade na Literatura Fantástica” do Programa de Licenciatura (PROLICEN) do CAC/UFG pretende a partir do mapeamento da trajetória deste personagem na Literatura lançar novos questionamentos para o exercício da reflexão do papel do Outro no universo da sala de aula. Como suporte literário, com base nos teóricos que serão citados neste trabalho, serão analisados textos de Monteiro Lobato, Hugo Carvalho Ramos e Ziraldo.

Palavras-chave: Insólito. Folclore. Alteridade. Estereótipo. Raça.

Introdução

No ano de 1983, a *Revista do Sítio do Picapau Amarelo* publicou uma imagem do personagem folclórico Saci-Pererê segurando a taça da copa do mundo de futebol com os seguintes dizeres: “A Taça do Mundo é nossa!” (QUEIROZ, 1987 p.130)². Dois anos depois, o *Almanaque do Pererê*, do cartunista brasileiro Ziraldo, lança sua propaganda na revista *Mônica*, na qual um sorridente saci traz a frase: “164 páginas com o mais brasileiro de todos os heróis.” (*Ibidem*, p.124)³. Nos dois casos, a publicação da figura do saci reiterou a

¹Fabianna Simão Bellizzi Carneiro é graduanda do quinto período do curso de Letras da Universidade Federal de Goiás do Campus Avançado de Catalão (CAC).

Professor indicador do artigo: Drº Alexander Meireles da Silva, Universidade Federal de Goiás, Campus Avançado de Catalão, Curso de Letras.

² Tal imagem está ilustrada no apêndice do livro *Um mito bem brasileiro*, de Renato da Silva Queiroz.

³ *Idem*.

popularidade deste ser no folclore brasileiro; projeção esta reforçada pela sua constante presença na adaptação televisiva da obra *O Sítio do Picapau Amarelo*, de Monteiro Lobato, produzida e transmitida pela Rede Globo entre os anos de 1977 e 1986. Neste período, o Brasil ainda sofria com uma realidade de repressão política e censura em várias esferas da sociedade e a utilização de uma figura tão carismática e popular em várias regiões do Brasil, demonstrando amor à Pátria, atendia aos interesses ideológicos do regime junto ao público jovem, ainda mais quando este mito estivesse atrelado à maior paixão do brasileiro: o Futebol.

Se hoje essa lenda se encontra disseminada na cultura de massa por meio de revistas e adaptações televisivas na forma de uma simpática e carismática figura, na Literatura das primeiras décadas do século vinte, o Saci-Pererê incorporava o discurso das elites brasileiras em relação ao negro. Visando discutir este processo, este trabalho pretende investigar o percurso deste menino de uma perna só na literatura, desde a sua identificação com o mito do *trickster* até a sua manifestação na cultura letrada, focando na ideologia da República Velha quanto ao negro.

As Origens de um Herói às Avessas

Inicialmente as lendas tupis apresentam o saci sob forma de um pássaro que emite ora notas graves ora notas agudas, sempre com a intenção de confundir algum viajante ou andarilho e fazê-lo se perder na floresta. Esta visão de pássaro endemoninhado ganha alterações e transformações ao entrar em contato com elementos africanos e europeus durante a colonização portuguesa no Brasil até chegar, com algumas variantes, e influenciado pela ideologia das elites em relação ao negro, ao ser de uma perna só, aspecto de moleque, cheiro de enxofre, carapuça vermelha e que apronta muita traquinagem.

A partir daí, ele começa a ganhar a culpa por muitos dos males que aconteciam no meio rural, como: deixar abertas as porteiras, azedar o leite, embaraçar a crina dos cavalos, fazer nascerem chochas as espigas de arroz, enfim. A própria literatura sempre se refere ao saci como um moleque travesso:

Nisto o milho começou a chiar na caçarola e ele dirigiu-se para o fogão. Ficou de cocre no cabo da caçarola, fazendo micagens. Estava “rezando” o milho, como se diz. E adeus pipoca! Cada grão que o Saci reza não rebenta mais, vira piruá. (LOBATO, 1971, p.26-27)

Esta figura do saci, atrelada às traquinagens e brincadeiras de mau gosto, mostra certa ambiguidade e contradição – ora pregador de peças, ora o justiceiro que desperta sentimento de admiração, que nos traz forte associação com a figura do *trickster* africano. Esse personagem é frequentemente descrito como um pobre-diabo, simbolizado frequentemente por uma criatura pequena como uma lebre ou uma aranha e geralmente reconhecido pela sua rebeldia, sagacidade, dissimulação e desonestidade. Essa diferença decorre do fato de que historicamente, os africanos foram submetidos a um nível de subsistência radical devido a guerras, doenças e uma ausência crônica de condições naturais favoráveis para agricultura ou pecuária. Em um ambiente adverso como este onde a sobrevivência faz parte do dia a dia, laços de lealdade e comprometimento construídos ao redor do grupo social, ou até mesmo dentro da esfera familiar, tende a perder seu poder, pois não possuem nenhum valor afetivo para os indivíduos. É nesse meio social que a figura do *trickster* ganha força, pois segundo John W. Roberts:

Em um ambiente social e natural no qual os indivíduos devem lutar pelas suas sobrevivências físicas, harmonia, amizade e confiança se tornam ideais difíceis de serem sustentados, enquanto que a enganação, ganância e esperteza emergem como traços comportamentais valorizados (ROBERTS, 1990, p. 104, tradução nossa).

Ainda que estudiosos do assunto tenham diferentes opiniões acerca da origem do termo ‘*trickster*’¹, há uma concordância de que sua função parece ser o de projetar “as insuficiências do homem dentro de seu universo sobre uma criatura menor que, ao superar seus adversários maiores, permite /.../ uma óbvia identificação para aqueles que recontam ou escutam a estes contos” (ABRAHAMS, 1980, p. 197, tradução nossa). Nesta leitura, diferente dos heróis das narrativas fabulosas que apresentam uma conduta imaculada e só promovem boas ações, o *trickster* pode se apresentar ora como vilão ora como um “chefe ou Deus” (SILVA, 2009, p.161), promovendo condições indispensáveis à vida sócio-cultural. Para Queiroz, “suas contribuições positivas, entretanto são no mais das vezes involuntárias, uma vez que seu comportamento se orienta, em grande medida, por impulsos egoístas e anti-

¹Segundo Balandier (1982, p.25), o *trickster* (embusteiro, trapaceiro, artiloso, astuto, desonesto, etc.) recebe esta designação anglo-saxônica em lembrança a uma antiga palavra francesa, *triche* (*tricherie*= trapaça, furto, engano, falcatura, velhacaria). Por outro lado, Laura Makarius (1969:2) observa que *trickster* significa *jouer de tours* (pregador de peças), mas com uma dose de malícia que a expressão francesa não consegue expressar.” (QUEIROZ, 1987, p.27)

sociais.” (QUEIROZ, 1987, p. 27)). Um comportamento, inclusive, que bastante se assemelha à imagem do saci: um ser astuto e perspicaz que em nada se incomoda pelo fato de apresentar um caráter que oscila entre traços de alguém que atua em prol da sociedade e da coletividade a traços egoístas e anti-sociais, como podemos observar na obra *O saci*, de Monteiro Lobato, publicada em 1921:

Tudo que numa casa acontece de ruim é sempre arte do saci. Não contente com isso, também atormenta os cachorros, atropela as galinhas e persegue os cavalos no pasto, chupando o sangue deles. O saci não faz maldade grande, mas não há maldade pequenina que não faça. (LOBATO, 1971, p.25)

A própria origem do saci também traça uma analogia com a origem do *trickster*. Renato da Silva Queiroz coloca que algumas narrativas apontam para uma origem impura ou anormal do *trickster*: “nasce de uma gota de sangue menstrual, da placenta de um recém-nascido, pode ser gerado por uma velha ou gestado ao longo de um período de tempo excepcional.” (QUEIROZ, 1987, p.29)

Duas características do saci se encaixam na colocação de Queiroz feita acima: a sua iconografia e a sua origem. A literatura, os desenhos animados, e demais produtos da cultura de massa que envolve o saci sempre ressaltam a sua carapuça vermelha: “A força dele está na carapuça, como a força de Sansão estava nos cabelos. Quem consegue tomar e esconder a carapuça de um saci fica por toda vida senhor de um pequeno escravo.” (LOBATO, 1971, p.25). A carapuça vermelha em formato de gota remete a própria gota de sangue reforçando ainda mais o tabu em torno desta figura que se assemelha a um *trickster*, assim como sua misteriosa origem também reforça a anormalidade:

Assim falando, o saci levou o menino para uma cerrada moita de taquaruçus existente num dos pontos mais espessos da floresta (...) Aqui, dentro destes gomos, que se geram e crescem meus irmãos de uma perna só – disse o Saci. Quando chegam em idade de correr o mundo, furam os gomos e saltam fora. Repare quantos gomos furados. De cada um deles já saiu um saci. (*Ibidem*, p.35-37)

Colonialismo e Escravidão

A imagem do saci, rodeada de mistérios, impurezas e anormalidades, se adequou àquele período em que o Brasil vivia os antagonismos e paradoxos próprios de uma sociedade

colonial e escravocrata, na qual o poder do Estado era limitado, e em muitos aspectos quem administrava o país eram os grandes senhores da agricultura. Segundo Sergio Buarque de Holanda: “Nos domínios rurais, a autoridade do proprietário de terras não sofria réplica. Tudo se fazia consoante a sua vontade, muitas vezes caprichosa e despótica.” (HOLANDA, 1985, p.80). Neste contexto a figura de um ser negro, marcado pelo comportamento primário e selvagem, reforçava o próprio *status quo* da época, na qual os negros eram vistos como animais primários e permanentemente tentados a enganarem seus senhores brancos ao mesmo tempo em que, para os próprios escravos, o sucesso do saci em enganar seus inimigos ajudava a aumentar a autoconfiança desses indivíduos, ajudando-os a suportar a cruel realidade dos engenhos de açúcar: “falta de roupas, alojamento inadequado, má nutrição, disciplina rígida e castigos cruéis.” (SCHWARTZ, 2001, p.92). De fato, não raro o trabalho nos engenhos sofria rebeliões e paralisações:

A produção eficiente de açúcar dependia, até certo ponto, da colaboração dos escravos. As operações complexas do engenho eram bem suscetíveis a sabotagens: um incêndio no canavial, cal numa panela fervente (...). O problema nunca era, portanto, a mera quantidade e a produtividade do contingente, mas sua qualidade e sua colaboração também. (*Ibidem*, p.94).

Ou seja, uma sociedade onde os justos e bons eram os senhores e os demais (escravos, pobres e mulheres) eram os grandes vilões. Aliás, muitos dos textos literários que abordam o saci fazem menção ao período escravocrata: “A primeira vez que vi o saci eu tinha assim a sua idade. Isso foi no tempo da escravidão.” (LOBATO, 1971, p.24). Embora a literatura de Lobato nos forneça um texto jocoso em relação às peraltices do saci, inevitavelmente criamos uma ponte entre as suas artes e as sabotagens cometidas pelos escravos: “(...) azeda o leite, quebra a ponta das agulhas, embaraça os novelos de linha, faz o dedal das costureiras cair no buraco, bota mosca na sopa, queima o feijão que está no fogo(...)” (*Ibidem*, p.25). Em muitos casos, inclusive, os textos ressaltam de maneira pejorativa aspectos físicos de pessoas negras: “(...) abandonando a enxada e de queixo caído, olhava pasmado o negrinho que fazia caretas e trejeitos a saltar no seu único pé.” (RAMOS, 1986, p. 75); “(...) nariz de socó, língua de palmo (...)” (ORICO, 1975, p. 89). Quanto à isso, Renato da Silva Queiroz utiliza a expressão “estigma da cor” (QUEIROZ, 1985, p.58), que bem traduz o preconceito sofrido pelos negros escravos. É o próprio autor que assim a explica:

O Saci-moleque é sempre preto. A análise cuidadosa dos relatos nos revela que a sua caracterização “física” é construída mediante o emprego de elementos cristalizados nas representações coletivas, deformadas e preconceituosas, definidoras do negro brasileiro como ser inferior, próximo à animalidade, portador de atributos maléficos. (*Ibidem*, p.58)

Estas questões muito próprias da sociedade colonial - que via os negros como pessoas desobedientes e que deveriam ser aprisionadas e postas a trabalharem compulsoriamente de forma a produzirem riquezas para o senhor - assinalam o trabalho exaustivo nas lavouras da cana e nos engenhos, que muitas vezes gerava conflito entre senhores e escravos. Havia quantidade de mão-de-obra (era o auge do tráfico de escravos provenientes do continente africano), porém, nem sempre a qualidade era desejada, e muitas vezes a solução encontrada pelos donos de engenho era o chicote: “a escravidão sempre foi sinônimo de chicote ou pior” (SCHWARTZ, 2001, p.98). Aliás, a obra *O saci*, de Monteiro Lobato, traz uma passagem bastante ilustrativa neste sentido do trabalho forçado, quando Pedrinho aprisiona o Saci em uma garrafa. Em troca de sua liberdade, o saci deverá guiar Pedrinho pela floresta a fim de encontrar o caminho de volta para o sítio: “Você jurou que me liberta; eu dou minha palavra de saci que mesmo solto o ajudarei em tudo”. (LOBATO, 1971, p.35). O fim da escravidão nas últimas décadas do século dezenove, no entanto, não alterou a situação dos negros, como bem mostra o contexto histórico-literário da República Velha no período Pós-Primeira Grande Guerra.

De Escravo e Roceiro a um Herói Moderno: Saci-Pererê, um Mito Reeditado.

O processo que culminaria na chegada de Getúlio Vargas ao poder dando início ao autoritarismo da Era Vargas (1930-1945) ganhou impulso ao fim da Primeira Grande Guerra, quando a depressão econômica que se seguiu provocou a percepção de que a República Velha e sua política do café-com-leite haviam esgotado as expectativas que nortearam a sua fundação com a proclamação da República em 1889. Para os intelectuais da época, chegara o momento de “explicar o Brasil” a fim de se buscar alternativas para a realização de novos ideais. Desta proposta são as obras de Paulo Prado, Sérgio Buarque de Holanda e Caio Prado Júnior dentre outros. Oliveira Viana e Azevedo Amaral, dois dos principais ideólogos do pensamento autoritário brasileiro, como lembra Boris Fausto em *O pensamento nacionalista autoritário* (2001), inserem-se também nesta moldura.

Um ponto em comum entre os ideólogos do autoritarismo no Brasil e na Europa é a utilização do discurso científico para justificar e validar idéias sobre a posição inferior das camadas populares, principalmente a do negro, em relação à elite. Vejam-se as palavras de Fausto a esse respeito:

Pensadores como Oliveira Viana e Azevedo Amaral trataram de desvendar, com base nas ciências humanas, as razões da existência no Brasil de um povo, mas não de uma nação, buscando definir, a partir desse diagnóstico, os caminhos para a construção nacional. (FAUSTO, 2001, p. 19).

A grande presença de negros e mestiços na população brasileira também despertava comentários negativos entre os observadores estrangeiros, como comenta J. M. de Carvalho. Para o representante inglês eles eram “*dregs*” (“escória”), para o francês, a “*foule*” e para o português, a “escuma social”.

Esta postura está em consonância com a definição de Pré-modernismo proposta por Bosi: “Creio que se pode chamar de pré-modernista [...] tudo o que, nas primeiras décadas do século, problematiza a nossa realidade social e cultural” (BOSI, 1994, p. 306).

A obra *O sacy-pererê*: resultado de um inquérito de Monteiro Lobato, lançada no ano de 1918, reflete esta intenção crítica dos pensadores do período ao trazer expressões depreciativas em relação aos negros. Embora o processo de industrialização já houvesse começado, o Brasil ainda sofria por conta de cicatrizes não fechadas do período colonial, portanto, a literatura ainda refletia os valores desta época, conforme podemos ver nos trechos da obra mencionada que seguem abaixo e que foram citadas em *Um mito bem brasileiro*, de Renato da Silva Queiroz:

Preto, saído das regiões infernais, sub-produto degenerado da raça dos demônios. É fio dessas negras desavergonhadas, que fica grave, depois fica co medo das sinhá; porque ás veis o fio é do próprio sinhô ou do sinhô-moço, e vai largá no mato; morre pagão e vira Sacy. (Apud, QUEIROZ, 1985, p.64)

Além disso, esta época retrata o saci como uma figura dotada de poderes excepcionais e mágicos, que os emprega tanto para o bem como para o mal, provocando até mesmo discórdia entre as pessoas. Aqui também se observa o discurso vigente desde a época colonial e que também se mostrava presente na República Velha, no qual o negro era relacionado às mandingas e feitiçarias . Aliás, o trecho abaixo transcrito da obra *Tropas e Boiadas* (1917), de Hugo Carvalho Ramos, nos dá esta noção:

O negro chegou aos grotões e chamou pelo Saci, que de pronto apareceu.
- Toma lá a sua cabaça de mandinga, seu saci, e dá-me cá o feitiço para Sá Quirina.
O moleque desbarretou-se, tirou uma pitada grossa da cumbuca, fungou, e, entregando o resto a pai Zé, disse:
- Dá-lhe a cheirar esta pitada, que a crioula é sua escrava.(...)
- Porque, Ioiô, concluiu o preto velho que me contava esta história – a todo aquele que viu e falou com o Saci, acontece sempre uma desgraça. (RAMOS, 1986, p.76)

Deve ser destacado neste ponto que ainda que a representação do saci na obra homônima de Lobato siga o estereótipo do negro na sociedade da época, a figura de um moleque construída pelo escritor aponta para um projeto de Literatura Infantil nacional que, como tal, se distanciaria da tradição européia de Perrault, Irmãos Grimm, Andersen e La Fontaine que dominava o meio literário infantil. De fato, como salienta Bosi: “[...] esse pendor para a militância foi-se acentuando no decorrer da sua produção literária, que desembocariam, por fim, na originalíssima fusão de fantasia e pedagogia que representa a sua literatura juvenil.” (BOSI, 1994, p. 215-216). O resultado foi uma criatura ligada ao campo e às questões da terra. Alguém que conhece como ninguém os mistérios da floresta e da natureza: “Inda é muito cedo para você ‘ler’ a mata. Isto é livro que só nós, que aqui nascemos e vivemos toda a vida, somos capazes de interpretar.” (LOBATO, 1971, p.46-47). Embora próxima ao ano de lançamento de *O sacy-pererê: resultado de um inquérito* e *Tropas e boiadas*, nos quais, como visto, o saci refletia a demonização do negro, *O saci* já se adapta ao momento em que a força política e o poder econômico do país passam das mãos dos senhores agricultores para os industriais da cidade que começam a despontar devido ao início da industrialização brasileira. Como resultado deste quadro, emerge uma imagem do saci atrelado tanto ao mundo infantil quanto ao mundo das crenças tidas como ignorantes do homem do campo, ideologicamente exemplificado no personagem Jeca Tatu do próprio Monteiro Lobato.

Com o início da industrialização no Brasil e final da escravidão, o poder e capital migram dos campos e zonas rurais para os centros urbanos. Aqui, o saci tem sua figura reeditada, apresentando-se de forma simplificada como um menino alegre, brincalhão que, apesar das traquinagens, tem um bom coração. Momento que, segundo Queiroz, “inicia a domesticação do Saci, fazendo dele a figura exótica e atraente que hoje conhecemos.” (QUEIROZ, 1985, p.108)

A partir daí a figura do saci alcança projeção nacional, sendo introduzida, inclusive, na publicidade:

Não evoca mais as situações que colocavam em confronto grupos sociais antagônicos nas regiões e nos períodos aqui considerados (...) reforçando a idéia de um país jamais abalado pelas lutas de classes ou pelo preconceito racial. (QUEIROZ, 1985, p 109)

É mister enfatizar que esta “reedição” do saci aponta para uma estratégia que sempre foi utilizada pelas elites detentoras do poder: apropriar-se dos símbolos contestadores, tirar-lhes a força subversora, deformá-los, e devolvê-los assim às massas, sem a sua essência revolucionária.

Conclusão

Fatos históricos e sociais, acontecimentos que tenham marcado uma época ou uma geração, os dilemas e tabus de uma sociedade, enfim, estes aspectos e tantos outros formam a matéria prima a partir da qual as narrativas e contos fabulosos são feitos. No século dezenove, os Irmãos Grimm percorreram este caminho, no qual as aflições e fatos de uma sociedade pudessem ser lidos nas entrelinhas dos contos fabulosos, ou ditos de outra forma: a realidade pudesse ganhar contornos fantásticos.

Enquanto produto histórico-cultural, o Saci-Pererê reflete o discurso contra o negro instituído durante o período da escravidão e do início da industrialização durante a República Velha. Neste contexto, o negrinho de uma perna só que exalava cheiro de enxofre como o demônio e zombava da ordem e, por esta razão, ficava aprisionado na garrafa, servia como uma triste analogia da situação dos negros que, por serem historicamente ligados ao diabólico, eram aprisionados e açoitados. No segundo momento, com a industrialização e êxodo rural, o Saci aparece atrelado às questões da terra e do campo, de forma a representar um ambiente agrário marcado pelo primitivismo de suas crenças e que, como tal, em muito se assemelhava ao universo cognitivo das crianças. Desde então, temos a figura de um menino sorridente, “domesticado”, boa-praça, obediente e simpático, “uma imagem devidamente controlada pelos agentes da cultura de massas.” (QUEIROZ, 1985, p.114)

O que sublinha estes dois momentos é a alteridade em relação à raça, ou seja, em comum temos a representação dos negros de maneira retorcida, estereotipada e domesticada, virando, inclusive, capa de cadernos e revistas e se tornando astro de TV, cinema e histórias em quadrinhos; virando tema de festas de aniversário, figurando na publicidade e em tudo o mais que possa vender a imagem do “bom negro”.

Cabe então ao educador fomentar discussões e atividades que tomem o saci como uma oportunidade para se expor e discutir a temática da alteridade em nossa sociedade, demonstrando, desta forma, que não importa a raça, cor, ou as categorias nas quais os agentes do poder nos inserem. Somos, como dizia o músico Paulinho Moska, “Todos filhos de Deus. Só não falamos a mesma língua.”

Referências:

- ABRAHAMS, R. *Trickster, the Otrageous Hero*. In: COFFIN, T. *American folklore*. New York: Voice of American Forum Series, 1980, p. 193-201.
- BEAVER, H. *Hucks World: the river and its people*. In: *Huckleberry Finn*. London: Unwin Hyman, 1987. p. 61-70.
- BOSI, A. *História Concisa da Literatura Brasileira*. São Paulo: Cultrix, 1994.
- BRANDÃO, C. *O que é Folclore*. São Paulo: Brasiliense, 1982.
- CAREY, J. *Os Intelectuais e as Massas: orgulho e preconceito entre a intelligentsia literária, 1880-1939*. Trad. Ronaldo Kyrmse. São Paulo: Ars Poética, 1993.
- CARONE, E. *A República Velha: evolução política*. São Paulo: DIFEL, 1971.
- CASCUDO, L. *Geografia dos Mitos Brasileiros*. Belo Horizonte: Itatiaia Limitada, 1983.
- CAVALHEIRO, E. *Vida e Obra de Monteiro Lobato*. In: LOBATO, M. *Urupês*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1962, p. 3-59.
- COELHO, N. *O Conto de Fadas*. São Paulo: Ática, 1998.
- FAUSTO, B. *O Pensamento Nacionalista Autoritário: 1920-1940*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2001.
- FERNANDES, F. *O Folclore em Questão*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- FREDRICKON, G. *The Black Image in the White Mind*. Hanover: Wesleyan University Press, 1971.
- HOLANDA, S. *Raízes do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- LOBATO, M. *O Saci*. São Paulo: Brasiliense, 1971.
- NOGUEIRA, C. *Bruxaria e História: as práticas mágicas no Ocidente Cristão*. Bauru: EDUSC, 2004.
- ORICO, O. *Mitos Ameríndicos e Crendices Amazônicas*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1975.
- QUEIROZ, R. *Um Mito bem Brasileiro: estudo antropológico sobre o Saci*. São Paulo: Polis, 1987.
- RAMOS, H. *Tropas e Boiadas*. Belo Horizonte: Itatiaia Limitada, 1986.

ROBERTS, J. *The African American Animal Trickster as Hero*. In: RUOFF, A, WARD J, Redefining American literary history. New York: Voice of America Forum Series, 1990, p. 97-114.

SCHWARTZ, S. *Escravos, Roceiros e Rebeldes*. Trad. Jussara Simões. Bauru: EDUSC, 2001.

SILVA, A. *Sobrevivendo Pela Mudança: a temática do deslocamento na literatura fantástica afro-americana*. In: GOMES, A. Cerrados: revista de pós-graduação em literatura. Brasília: Universidade de Brasília, Departamento de Teoria Literária e Literaturas, n. 27, ano 18, 2009.

SPINOSA, A. *Monteiro Lobato*. São Paulo: Abril Educação, 1981. (Literatura Comentada).